

Prédio da Fratelli vira casa de shows

No próximo verão, a cantora Ivete Sangalo transfere seus eventos do Pier Bahia para a antiga fábrica de refrigerantes

MARY WEINSTEIN

Com o fim do contrato de aluguel do espaço do Pier Bahia, a cantora Ivete Sangalo planeja ir além, na Cidade Baixa. No próximo verão, deverá ocupar os 20 mil metros quadrados onde funcionavam duas fábricas lendárias – a de cristais e a de refrigerantes Fratelli Vita. O novo endereço, também à beira-mar, fica na Avenida Barão de Cotegipe, Calçada, e ainda mantém as marcas da família Vita.

A praça é a do Canto Galo cujo nome é herança das brigas de galo, outra tradição do lugar. O antigo prédio pertence à Ambev – junção das cervejarias Brahma e Antártica. Há dois anos, foi comprado pela Catabas Empreendimentos Imobiliários e pela LM Empreendimentos. Juntas com o empresário José Carlos Gomes, proprietário do sofisticado Restaurante Trapiche Adelaide (Avenida Contorno) – portanto um dos promotores da retomada da Cidade Baixa –, estão praticamente com tudo para abrir a nova casa de shows.

"Quando viemos para a Contorno, passava um carro de 20 em 20 minutos", lembra José Carlos Gomes, dono da ideia de transformar o antigo prédio da Fratelli. Sócio da Caco de Telha (empresa da cantora), no Pier Bahia, José Carlos Gomes nutriu gosto pelo negócio. Com o contrato de aluguel do atual espaço, pertencente ao Bompreço, está para expirar, ele se entusiasmou com o novo endereço.

"O terreno é de empresários da nossa região. Já temos o esboço de um projeto, onde a gente definiu o que vai boiar", explica. E vai além: "Levamos ao prefeito. Ele gostou muito do equipamento e identificou como muito necessário. A visão dele é a de geração de emprego e atendimento da população. É mais política, institucional. Como chefe do Executivo, é bom ele analisar. Aquela coisa que, você sabe, a gente tem que passar. Sucom, estudo de viabilidade", explicou o empresário.

"Foi uma visita", acrescenta José Carlos, "já que o prefeito tem a intenção de fazer o Museu do

Carnaval, mostrando a história da festa. Não existe um lugar que o turista chegue e veja o Carnaval quando não é Carnaval, com filmes, com lojas que tenham os blocos afros... Fomos oferecer um lugar para o museu. Isso não teria dinheiro da prefeitura. A prefeitura não tem dinheiro pra fazer essas coisas, e aí a gente vai buscar parceiros da iniciativa privada", esclareceu José Carlos Gomes.

SHOPPING – Primeiro, os atuais donos do prédio tinham pensado em fazer um shopping center. E teve até reservação um espaço para que Jário Vita, neto do fundador das fábricas, montasse um museu de cristais da Fratelli Vita. Jário sempre quis manter a memória do lugar, porque considera "importante para a cidade, também".

Os proprietários sabem sobre o tombamento estadual, homologado em 2002 e mesmo assim compraram o prédio no mesmo ano. Dizem que vão respeitar todas as restrições impostas pela lei. "A gente sabe que aquilo é uma referência, todo mundo conhece como Fratelli Vita. Mas o que foi tombado foi só a fachada", disse um dos sócios da Catabas.

O gerente de Conservação e Restauração do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipaac), José Carlos Matta, no entanto, explica que o que se tomba é todo o prédio. "Isso não implica que não se possa adaptar o prédio a um novo uso, desde que seja compatível, que não agrida o monumento e não interfira na leitura de sua espacialidade. É bom lembrar que o projeto deve ser submetido ao Ipaac ainda em sua fase preliminar para que se conheçam os parâmetros e as devidas orientações técnicas para restauração".

"Eu não conheço a história desse tombamento. Talvez a gente tenha que sair atrás pra reconstituir aqueles vidros. O que tiver que ser construído nós faremos", avisa José Carlos Gomes, que não sabia da vontade de Jário de fazer ali um museu. "Tô ouvindo pela primeira vez esse assunto de museu da Fratelli".



Edifício onde funcionou a unidade fabril, tombado pelo Ipaac, foi comprado há dois anos pela Catabas Empreendimentos

Tradição e história dos cristais da Bahia

Jário Vita já chega contando sobre o prédio; mostrando o lugar exato onde o lapidador sentava, onde ficava a escada, em estilo neoclássico, que precisou ser destruída para, no salão, poder caber uma máquina Enzinger, alemã, enorme. Ele é neto de Giuseppe que veio da Itália no final do século XIX e fundou a Fratelli Vita. Foi criado ali, entre os operários da indústria de guaraná, cuja matéria-prima, o extrato da fruta, vinha de Maués, na Amazônia. Agora, força a memória para lembrar de tudo.

Jário aponta para o lado onde o avô morava. A casa nem existe mais. "Você não sabe a saudade que isso aqui me dá. O movimento dos caminhões", lembra. Em época de festas, cerca de 500 empregados pro-

duziam mais de 20 mil engarrafados de refrigerantes Fratelli Vita por dia.

Na fábrica de cristais, eram 80 lapidadores esculpindo a mão peça por peça. Se costumava pagar antecipado pela encomenda e receber somente dois anos depois. Dona Sara Kubistchek fez a dela. As taças bordadas com o brasão da República e bordas banhadas a ouro iriam para o Palácio da Alvorada. Ainda existem na casa dos Vita e na dos Flexa de Lima, que acabaram comprando o que Dona Sara não foi buscar.

A família Vita, dona das fábricas de cristais e de refrigerantes, foi morar em Pirajá, em 1954, em um castelo

enorme, construído também por Giuseppe. Depois, o grupo Paes Mendonça comprou o castelo e, em seguida, destruiu por destruir, sem edificar nada no lugar. O mata tomou conta. Isso saiu em jornal.

Era de lá, de Pirajá, que vinha a água, "a mais pura da cidade", para fazer a Gasosa de Li-

mão, a Gasosa de Pera e o Guaraná, o mais gostoso da praça, o Fratelli Vita. As garrafas desses refrigerantes descansam na sala de televisão da casa de Jário, que hoje é no Chame-Chame. A mais velha, de Soda Water, nunca foi aberta. A tampa está enferrujada e o resto do líquido está sem cor.

A Sukita, de laranja, foi batizada, em 1952, pela mulher de Miguel, Matfira, que inventou o slogan também: "Sukita, o suco de laranja Vita". O pai de Jário, Miguel, passou a fórmula do Guaraná para ele que ainda faz o refrigerante em casa e serve na hora do almoço. O extrato é guardado em garrafas do tipo per.



Peças melhores que as Baccarat

Enquanto conversa e recorda, Jário Vita, neto do fundador da fábrica, manuseia o livro de visitantes da Fábrica de cristais. Passa as páginas amareladas onde escreveram Ari Barroso, Angela Maria, Luiz Gonzaga, Marta Rocha. As misses eram as que os trabalhadores mais gostavam de ver. E não eram só as brasileiras. Cetti Danh, em 1957, da Alemanha, ficou encantada. Ficou um minuto de lembrança. A fábrica era um luxo. As peças eram todas feitas à mão e, em matéria de qualidade, "davam um banho" na francesa Baccarat, ainda em atividade. Vibravam muito. Sorriam muito. No Bairro disse que os Viti faziam música.

As fábricas de cristais e de refrigerantes voltaram a funcionar. Isso marca o salto da cabeça de Jário. A primeira terá como instrutor o lapidador Carlos Calista, o Braço, 61 anos, um dos melhores na cristalaria que o pai dele herdou do avô. Ele deverá ensinar o que sabia fazer aos meninos do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, provável instituição parcerária. A segunda tem o próprio Jário como conhecedor dos segredos do bem guardar. Jário quer fazer, também, um museu para contar sobre a saga dos antepassados empreendedores italianos.

Mas existem alguns problemas para que as coisas saiam do jeito que eram antes. O prédio e o terreno, de 20 mil metros quadrados, na Avenida Barão de Cotegipe, foram vendidos à Brahma, em 1972, pela sociedade que controlava o grupo Fratelli Vita. No bolo, foi junto o nome da marca. Voltando o operário, Jário vai ter que arranjar outro nome para o guaraná. A menos que os detentores abram mão da marca, que, por sinal, não estão mais usando.